

## O TORNAR-SE HUMANO<sup>1</sup>

Maria Clotilde Rossetti Ferreira  
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de  
Ribeirão Preto, USP<sup>2</sup>

### **PESSOAS SÃO PESSOAS ATRAVÉS DE OUTRAS PESSOAS UBUNTU UNGAMNTU NGANYE ABANTU (ditado xhosa - língua materna de Nelson Mandela)**

Ser único dentre as várias espécies animais, o animal humano distingue-se, dentre outras coisas, por: ser capaz de usar e criar instrumentos, que lhe permitem transformar e mesmo destruir a natureza; ser simbólico, capaz de linguagem e raciocínio, os quais transformam suas relações com o mundo e com os outros homens; ser histórico, capaz de criar história, de perceber passado, presente e futuro, de ter planos e projetos.

O que fez e faz do ser humano esse animal especial dentre outras espécies animais? O que o diferencia dos demais primatas? O que caracteriza o tornar-se humano? Este é o tema que nos propomos discutir, focalizando particularmente nossas investigações a respeito do processo de integração de bebês e suas famílias ao novo contexto da creche, no período em que começam a frequentá-la (Rossetti-Ferreira, Amorim, Vitória, 1994). Analisaremos também um outro evento, objeto de vários noticiários e crônicas recentes, qual seja a experiência com clonagem de ovelhas, com o objetivo de discutir a possibilidade de, através da clonagem, criar réplicas de uma pessoa humana.

As respostas às perguntas acima variam conforme é analisado o "tornar-se humano". Buscaremos nesta apresentação explicitar nossa visão sobre o processo de desenvolvimento humano, fundamentada em uma concepção sócio-interacionista construtivista de desenvolvimento, cuja essência está contida na epígrafe acima: "*Pessoas são pessoas através de outras pessoas*".

Com relação à ovelha recentemente clonada, parece não haver grandes dúvidas de que, sendo a base genética idêntica, Dolly se tomará uma réplica da matriz. Nessa espécie, há um certo consenso de que as características do animal são basicamente definidas por sua carga genética. Estudos mais cuidadosos sobre as características individuais de Dolly, cujo desenvolvimento é foco da atenção de cientistas e da imprensa em geral, poderão entretanto evidenciar diferenças interessantes, devidas às condições ambientais físicas e/ou sociais diversas em que vai se dar seu desenvolvimento. Diferenças na alimentação, nas formas de confinamento, nas oportunidades de exploração, experiências e convívio com outros animais ou com pessoas etc. A maioria das características físicas serão idênticas às da ovelha matriz, porém a maneira de se relacionar, de comportar-se dessa ovelha, será provavelmente bem diversa, como resultado desse contexto diferenciado de desenvolvimento. Contudo, na criação de ovelhas, aliás uma prática própria e exclusiva do animal humano, os parâmetros que mais interessam são os físicos: peso, pêlo, capacidade reprodutiva, tornando-se assim indicadores mais relevantes do processo de clonagem.

A clonagem de um ser humano, espécie animal que evoluiu como biologicamente social, cria questões bem diversas. Deixando de lado o debate ético, aliás extremamente importante, procuraremos analisar o processo de "tornar-se humano", cujas características específicas e únicas diferenciam o homem das demais espécies animais, mesmo primatas.

Todo recém-nascido humano é imaturo e incompleto do ponto de vista motor, o que o torna extremamente dependente de outro ser humano. Seu acesso ao mundo e sua sobrevivência dependem da **mediação** de outros membros mais competentes da espécie. Por outro lado, nasce com uma organização comportamental e uma rica expressividade, que favorecem seu contato emocional e seu diálogo com outros seres humanos. Esses parceiros inserem o bebê em um mundo semiótico próprio, organizado conforme as representações e expectativas que tem sobre aquela criança, sobre seu desenvolvimento e sobre seu próprio papel com relação a ela, representações essas adquiridas em suas experiências de vida em um meio sócio-histórico específico.

1 Publicado no Caderno de Pedagogia do Centro Universitário Moura Lacerda páginas 28 a 33 (v.4) em 1999.

2 Nossos agradecimentos à FAPESP, CNPq e aos colegas do CINDEDI (Centro de Investigações sobre Desenvolvimento e Educação Infantil), cujo auxílio e colaboração viabilizaram este trabalho.

Não apenas o bebê, mas também seus parceiros estão envolvidos e são constituídos nesse jogo de significações, definido fundamentalmente pelo papel, posição ou perspectiva assumida ou atribuída a cada sujeito nas ações e interações que ocorrem em um determinado contexto. Portanto, a cada momento e em cada situação, o sujeito humano está imerso em uma rede (malha) de significações constituída por um conjunto de fatores físicos, sociais, ideológicos e simbólicos próprios daquela cultura e grupo social.

Em nossos estudos, por exemplo, temos observado que, ao levar seu bebê pela primeira vez à creche, a mãe é invadida/capturada por toda uma malha de significações construída no passado e evocada por elementos presentes, sejam eles internos, pessoais, ou externos, físicos ou sociais: estado físico, representações, emoções, gestos, o novo contexto com salas, objetos, pessoas adultas e crianças novas, a aparência, atitude ou fala da educadora, a saúde, o choro ou sorriso do filho. Essa malha complexa estrutura de determinada forma o fluxo de comportamentos da mãe, ao mesmo tempo em que a faz recortar e interpretar de certa maneira o contexto e as ações e interações dos outros, inclusive do próprio filho(a).

Conforme o momento, o contexto e os personagens, certo conjunto de fatores adquire maior relevo na emergência de novos significados. Assim uma boa organização do berçário, em termos de espaço, objetos, rotinas, favorecendo as ações e interações dos adultos e crianças, em um ambiente afetivo e acolhedor, evoca na mãe uma sensação boa e possivelmente traz à tona boas percepções com respeito a deixar seu filho na creche. Também quando coloca seu filho no chão e o vê olhar interessadamente para um bebê ao lado, esticando a mãozinha em sua direção, sorrindo-lhe e vocalizando, a mãe pode sentir-se capturada por uma emoção positiva, que a faz mais alerta para elementos positivos da creche. Mas se já saiu de casa em conflito, ouvindo o discurso de sua própria mãe (avó da criança) dizendo-lhe que "mãe que é mãe não deixa seu filho em creche" e, ao chegar para buscá-lo na creche, encontra o bebê chorando e/ou com febre, destacam-se alguns elementos mais negativos de sua rede de significações, os quais podem ser modificados através de uma conversa com a educadora, de um gesto de apoio do marido, ou agravados através da crítica da sogra ou do pediatra.

Nesse processo, portanto, vão sendo construídos os conhecimentos, a linguagem e a própria individualidade dos vários parceiros em interação. Mesmo a constituição física de um sujeito, definida a partir da carga genética que herdou, é transformada e atualizada pelas significações que o sujeito e seus parceiros lhe atribuem, fundamentadas, por sua vez, nas concepções próprias dessa cultura. Essas vivências e significações vão influenciando como e com que o sujeito se alimenta, veste, se arruma, faz exercícios, adota posturas e atitudes, modificando completamente sua aparência física. Em decorrência, eventuais clones de atrizes sairiam bem diferentes da matriz...

Em várias espécies animais a sobrevivência da espécie e do indivíduo dependem, basicamente, do grupo social básico ao qual pertence. Dentre os primatas não humanos estabelecem-se usualmente relações sociais hierarquizadas, onde cada membro tem posições e papéis definidos. Modificações na hierarquia ocorrem devido a mudanças ocorridas no grupo e/ou no contexto, usualmente através de enfrentamentos e competições entre os membros por posições de domínio. A estrutura e as relações sociais do grupo e da espécie desenvolvem-se, em geral, em função das condições de sobrevivência que tem de enfrentar. O que se pode falar também dos grupos humanos, como magistralmente o fez Antonio Candido em "Parceiros do Rio Bonito", apontando a interdependência entre as relações sociais do grupo e suas condições de vida e produção na região em que viviam, e as transformações daí decorrentes.

Seria então o social e a sociabilidade humana da mesma ordem daquela que se observa em outras espécies animais, respeitadas, é claro, as diferenças próprias de cada espécie?

A resposta seria positiva em várias teorias psicológicas onde predomina uma visão sistêmica-funcionalista de desenvolvimento, a qual analisa a dinâmica das relações sociais através de regulações mútuas, num sistema que busca um equilíbrio no grupo e no contexto, reorganizando-se a cada desequilíbrio. Tal visão é expressa de forma bastante convincente na proposta teórica de Bronfenbrenner (1977). Fundamentada na idéia de fatores de ordem diversa que se interrelacionam numa relação sinérgica, transacional, ela propõe que desequilíbrios, contradições ou confrontos, que ocorrem no decurso da vida de qualquer pessoa, representariam uma desorganização ou disfunção temporária, a qual tenderia a uma reorganização, de forma a garantir novamente o equilíbrio do sistema. Aproxima-se, assim, da idéia de homeostase.

Partindo de uma perspectiva sócio-interacionista construtivista, nossa resposta é NÃO. Que outra ordem de fatores seria então esta, que torna a sociabilidade humana irredutível àquela observada em animais?

A capacidade simbólica, fruto da evolução da espécie humana, que criou nela uma ruptura, submetendo-a a uma outra ordem de fatores, que transforma a natureza e o orgânico, embora estes mantenham sua influência, por vezes até dominante, sobre os seres humanos. Ao interceptar e mediar as relações do sujeito humano com os outros e com o mundo, o simbólico, em suas diversificadas formas, fragmenta a apreensão direta (sensório-motora, perceptual) dos objetos do mundo, pondo os sentidos a

deriva. Um pedaço de pau, pode tornar-se uma boneca ou uma espingarda; um aro de metal pode simbolizar uma relação com o outro, um contrato de casamento; um rabisco no papel, pode conter uma mensagem extremamente importante. O próprio sujeito pode desdobrar-se em vários outros, fato observado corriqueiramente no jogo de papéis de crianças de 3-4 anos e atingindo níveis incríveis em casos como o de Fernando Pessoa, com seus vários heterônimos!

Uma leitura mais superficial de autores como Vygotsky (1986), tem levado à noção da linguagem e do signo como instrumentos extremamente úteis ao homem, ao abrir-lhe inúmeras e diversas possibilidades de significação, que o tornam senhor e criador do mundo. Omite o outro lado da moeda, o qual aponta para o domínio que o simbólico e a linguagem exercem sobre o homem, tornando-o escravo das significações que o capturam e impregnam, das quais não consegue fugir. Essas malhas de significações o obrigam a recortar o mundo, os outros e a si próprio de formas determinadas pelas suas próprias experiências nessa cultura, com relação às quais muitas vezes ele não tem acesso ou controle, pois permanecem em grande parte inconscientes, como propõe a psicanálise.

Em resumo, propomos que o tornar-se humano é marcado pela imersão permanente do homem em um mundo simbólico e em um processo social contínuo e compulsivo de dar e criar sentidos. Nas interações com os outros e com o mundo, em um determinado momento e contexto sócio-histórico, o homem/a mulher constrói seus significados, suas relações e a si próprio(a) enquanto sujeito. Suas relações e seu acesso ao mundo são, pois, interceptados pelo outro da linguagem, imersos que estão em sua malha de significações. É a partir dessa malha que os captura, que os outros interpretam a criança desde antes do nascimento, lhe atribuem determinados papéis, tem para com ele/a determinadas expectativas, constroem para ele/a determinados contextos de desenvolvimento. Dessa maneira a constituem para o mundo assim como constituem o mundo para ela. Ademais, concebemos o confronto e o conflito como centrais e constitutivos da pessoa humana, criticando e opondo-nos à idéia funcionalista/sistêmica de um todo harmoniosamente integrado, que se desequilibra por uma disfunção, compensada de forma que uma nova harmonia seja atingida. Essa criança e, mais tarde, este adulto, inserido nos mais diferentes ambientes, através da interação com parceiros diversos, vai ter o mundo à sua volta organizado por regras e códigos simbólicos, diretamente ligados a um determinado momento e contexto sócio-histórico e aos recursos de que dispõe. Torna-se assim uma pessoa que reflete a época histórica e o grupo social em que vive, embora nesse processo construa também suas características individuais e únicas.

#### Referências:

- Bronfenbrenner, U. (1977). Toward an experimental ecology of human development. **American Psychologist**, 1977, 513-531.
- Rossetti-Ferreira, M.C., Amorim, K., & Vitória, T. (1994). A creche enquanto contexto possível de desenvolvimento da criança pequena. **Rev, Bras. Cresc. Des. Hum.**, IV(2), 35-40.
- Vygotski, L.S. (1986). **Thought and Language**. Cambridge, MA, MIT Press, 2<sup>nd</sup> edition.